

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 1190

Data: 20.12.79

Pg.:



Os líderes de 1.500 indígenas reúnem-se para acertar estratégia.

Xavantes decidem atacar fazenda para reaver suas terras em Mato Grosso

MEMÉLIA MOREIRA
Enviada especial

COUTO MAGALHÃES (MT) — Os Xavantes de Couto Magalhães vão atacar a fazenda Xavantina neste final de semana. A decisão foi tomada ontem pelos líderes Joãozinho, Inácio, Zacarias e Celestino na aldeia Wete-depá. O ataque é o último dos recursos encontrado por estes índios, que há dez anos esperam a devolução de 80 mil hectares de terras que estão em mãos da fazenda Xavantina. O decreto de demarcação da reserva encontra-se na mesa do ministro Mário Andreazza, do Interior, e por motivos não explicados, ainda não foi levado à Presidência da República para ser assinado, embora já tenha aprovação do Conselho de Segurança Nacional. Segundo os líderes, a possibilidade de um recuo só ocorrerá com a assinatura de demarcação das terras.

Este ataque já vem sendo previsto há mais de uma semana, quando os Xavantes expulsaram o chefe do posto da Funai, Francisco Pereira Figueiredo. Depois de passarem mais de 20 dias em Brasília esperando a assinatura do decreto, os líderes Xavantes voltaram à reserva e iniciaram os contatos com as diferentes aldeias para traçarem uma estratégia comum de ataque. De acordo com as informações de antropólogos e sertanistas, o ataque começará nas fazendas vizinhas, onde os índios esperam recolher munição suficiente para enfrentar os 400 jagunços da fazenda Xavantina.

No total, são 1.500 guerreiros reunidos nas diferentes aldeias das reservas de Couto Magalhães, Nomukurá, São Marcos, Kuluener, Batovi, Marechal Rondon, Areões e Sangradouro. A luta contra a fazenda envolve apenas a reserva de Couto Magalhães, onde vivem 200 guerreiros.

Na reserva de Couto existem, no momento, apenas os líderes e as mulheres. Os guerreiros estão percorrendo as matas vizinhas em busca de plantas que possam lhes fornecer tinta necessária à pintura corporal para o ataque. Estas pinturas, antes do contato com o homem branco, servia para assustar o inimigo, mas hoje é usada apenas como tradição cultural.

Usando poucas armas de fogo, os índios pedem munição a quem quer que chegue às aldeias embora sabedores da inferioridade de armas (do lado dos fazendeiros dizem, há metralhadoras, granadas e um número incalculável de Reflex) eles estão dispostos a tudo. "Vamos lutar de arco e flecha, como nossos avós", diz Inácio que, como os demais, não acredita em nenhum prazo estipulado pela Funai. "Já esperamos muito tempo. Eles dizem para esperar sempre um pouco mais, mas agora não queremos esperar. Aí (aponta para a fazenda) estão enterrados nossos irmãos, meus pais", conta o líder Celestino, que não se conforma com o pedaço de terra ocupado pelos Xavantes em Couto Magalhães, uma reserva que não chega a 300 mil hectares e cujas terras próprias para o cultivo estão nas mãos da fazenda, instalada ali desde 1956.

Antes do ataque, o líder Martinho — que dentro de pouco tempo sairá da área para formar outra aldeia — está espionando as fazendas vizinhas. Sua tarefa, ele mesmo explicou, é a de "chefe da segurança" e para desempenhá-la ele conta com dois ajudantes. Desde a manhã de ontem, Martinho acompanha o movimento das diferentes fazendas que se limitam com a reserva de Couto Magalhães. Martinho diz que "nossa paciência já acabou. Branco só promete. A paciência não é muito não. Só não atacamos se sair a demarcação".

Se a paciência dos índios esgotou-se, a pior função é a do chefe da adjudância autônoma de Barra do Garça, que tem jurisdição sobre as aldeias Xavantes. Odenir Pinto de Oliveira tenta acalmar os ânimos porque, segundo ele, "qualquer ataque seria suicídio".

Mas ele mesmo não se sente encorajado para dissuadir os Xavantes, "a não ser que Brasília traga uma solução".

Enquanto isso o cacique Benedito, que recebeu 150 mil cruzeiros e três cabeças de vaca dos fazendeiros, não sai de Barra do Garça.

Depois das decisões de seu grupo, prefere ficar na cidade esperando o que vai acontecer, mesmo sendo acusado pelos índios de "traidor".

Grileiros falsificavam denúncias no Maranhão

SÃO LUIS (Correspondente) — O jornal "Resistência" publicou, em edição extra, trechos de um documento atribuído ao Incri, mostrando como grileiros do Maranhão teriam "inventado" a existência de um foco de subversão para expulsar posseiros da área do rio Pindaré, entre 1973 e 1974.

Segundo o documento atribuído ao Incri, "a grillagem feita através de Ilmir Alexandrino de Abru vem obtendo sucesso pela cobertura financeira e apoio do grupo organizado e sob a liderança de Lauro Camargo, residente em Aracatuba, titular de cartório em São Caetano do Sul, São Paulo". "Não conseguindo o afastamento de um grande número de posseiros, os grileiros têm a luminosa idéia de inventar um movimento subversivo na região, ligado aos fatos da Xambioá. Denunciam às autoridades os atos praticados pelos "subversivos", corrompem o destacamento policial e promovem verdadeiras chacinas. Os posseiros mais esclarecidos que se opuseram ao esbulho são considerados os líderes ou responsáveis pela "subversão" — continua o documento atribuído ao Incri.

Ao final, o comandante da 10.ª Região Militar, general Oscar Jansen Barroso, determinou a realização de inquérito, "descobrendo por completo a trama urdida pelos grileiros".

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Folha de São Paulo

Class.:

Data:

20.12.79

Pg.:

*Xavantes vão
à guerra para
reaver terras*

Como último recurso para obterem a devolução de 80 mil hectares de terras que lhes pertencem, os xavantes da reserva de Couto Magalhães, em Mato Grosso, vão atacar a fazenda Xavantina neste fim de semana, conforme decidiram ontem seus líderes — informa nossa enviada especial, Memélia Moreira.

Depois de passarem mais de 20 dias em Brasília, aguardando a assinatura do decreto de demarcação de sua reserva, os xavantes retornaram a Mato Grosso e, há uma semana, expulsaram o chefe do posto da Funai, Francisco Pereira Figueiredo. Os 1.500 indígenas da região uniram-se e pretendem iniciar o ataque às fazendas vizinhas, para obter munição e enfrentar os 400 "jagunços" da fazenda Xavantina. Ontem, o decreto de demarcação ainda não havia sido levado à sanção presidencial.

PAG.7